

SYNTACTIC ANALYSIS OF COMPLEX COPULAR SENTENCES INTRODUCED BY “É RUIM QUE” IN BRAZILIAN PORTUGUESE

ANÁLISE SINTÁTICA DAS SENTENÇAS COPULARES COMPLEXAS COM “É RUIM QUE” NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Marco Antonio MARTINS

Universidade Federal do Rio Grande Norte (UFRN)

Sandra QUAREZEMIN

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Nara Juscely Minervino de Carvalho MARCELINO

Doutoranda/Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

RESUMO

Apresentamos neste artigo uma análise sintática das sentenças copulares complexas encabeçadas por “é ruim que” no Português Brasileiro. Defendemos que essas sentenças podem superficializar diferentes estruturas: (i) sentenças copulares comuns com leitura Predicacional, em que o adjetivo “ruim”, predicador da Small Clause, tem escopo amplo sobre o CP de sentenças como “é ruim que a Ana descubra o meu segredo”; e (ii) sentenças copulares de negação com leitura Especificacional, em que o foco da expressão cristalizada “é ruim” está associado a uma variável dentro do IP em sentenças como “É ruim que a Ana descobre o meu segredo”.

ABSTRACT

This paper will focus on the syntactic analysis of complex copular sentences introduced by “é ruim que” in Brazilian Portuguese. We will argue that these sentences can license two different surface structures: (i) common copular sentences with predicational reading, in which the adjective “ruim” works as predicator of the small clause and has an wide scope over the CP of sentences like “É ruim que a Ana descubra o meu segredo”; and (ii) copular sentences of negation with a restrictive reading, in which the focus of the fixed expression “é ruim” is associated with a variable within the IP in sentences like “É ruim que a Ana descobre o meu segredo”.

PALAVRAS-CHAVE

Sentenças copulares; construções com “é ruim que”; leitura predicacional; leitura Especificacional.

KEYWORDS

Copular sentences; constructions with “é ruim que”; predicational reading; restrictive reading;

Introdução

Embasados em trabalhos sobre a estrutura das sentenças copulares complexas no Português Brasileiro (PB) que trazem a cópula, um constituinte ensanduichado e o complementizador *que*, analisamos neste artigo as sentenças copulares complexas encabeçadas pela expressão “é ruim que”¹.

Observem-se as sentenças a seguir.

- (1) *A Ana descobre o seu segredo.*
- (2) **É ruim que** *a Ana descubra o meu segredo.*
- (3) **É ruim** *que a Ana descobre o meu segredo.*

¹ Este artigo parte da discussão proposta no trabalho de dissertação de Marcelino (2014).

As duas últimas afirmativas em (2) e (3) são aparentemente derivadas de uma mesma afirmação precedente, expressa em (1). Em outras palavras, a afirmação em (1) é um pressuposto nas sentenças (2) e (3). No entanto, apesar de ambas as sentenças serem encabeçadas pela mesma expressão, “*é ruim que*” há diferenças peculiares na interpretação de uma e outra sentença no português brasileiro: (i) em (2), se expõe um ponto de vista sobre a afirmação expressa em (1) e, nesse sentido, o “ruim” ensanduichado entre o cópula e o “que” é uma opinião do falante sobre a afirmação em (1) – “não é bom que a Ana descubra o meu segredo”; (ii) em (3) se nega a afirmação e (1) e, nesse sentido, a interpretação é de que “a Ana não descobrirá o meu segredo”.

Diante do exposto, percebemos que, quando pronunciadas, as sentenças encabeçadas por “*é ruim que*” parecem superficializar diferentes estruturas em que duas interpretações distintas são acionadas: (i) a sentença em (2) carrega uma carga informacional que expressa a opinião – de caráter desfavorável – do interlocutor em relação àquilo que está sendo anteriormente afirmado – i.e. ao fato de “a Ana descobrir o meu segredo”, pressuposto na sentença encaixada; (ii) a sentença em (3) carrega uma resposta que contraria ou nega o que está pressuposto na sentença encaixada – i.e. o fato de “a Ana descobrir o meu segredo”.

Considerando essas diferentes interpretações para as sentenças em (2) e (3), defendemos neste artigo a hipótese de que ambas as sentenças superficializam diferentes estruturas no português brasileiro. Para a análise, dividimos e classificamos as sentenças copulares complexas com “*é ruim que*” em dois tipos:

- I) Quando a sentença com “*é ruim que*” na estrutura é valorativo e veicula uma opinião pessoal do interlocutor sobre o que é pressuposto na sentença encaixada, defendemos que essa estrutura corresponde a uma Sentença Copular Comum (doravante, SCC), em que o “*ruim*” é o predicador da *Small Clause* que seleciona o CP como sujeito. Sendo assim, as SCC

com “*é ruim que*” têm leitura semântica do tipo Predicacional (de agora em diante, PRED). Esse tipo de estrutura é exemplificada em (2).

- II) Quando a sentença com “*é ruim que*” nega uma afirmação pressuposta na sentença encaixada, dizemos que se trata de uma Sentença Copular de Negação (doravante, SCN), na qual o constituinte “ruim” faz parte da expressão fixa, e já cristalizada na língua, “*é ruim*”. Defendemos que as SCN têm leitura semântica do tipo Especificacional (de agora em diante, ESP), uma vez que a expressão “*é ruim*” altera o conteúdo proposicional do que é afirmado na encaixada, negando-o. Esse tipo de estrutura é exemplificado em (3).

O objetivo deste artigo é, portanto, diante do que apresentamos, apresentar uma análise sintática dos constituintes das diferentes estruturas que superficializam as sentenças copulares complexas introduzidas pela expressão “*é ruim que*” no PB, bem como mostrar que o conteúdo proposicional de cada estrutura é distinto e parece estar diretamente relacionado ao modo verbal em que se encontra o verbo da sentença matriz. A fim de alcançar o que aqui nos propomos, pretendemos trazer dados que corroborem nossa ideia inicial de que essas duas sentenças não são equivalentes, tendo em vista a diferença entre elas na sintaxe e nas suas leituras semânticas.

A análise apresentada está fundamentada nos pressupostos da teoria gerativa, que traz explicações para as configurações das SCC, de leitura PRED, e das sentenças clivadas de leitura ESP no português brasileiro. Buscaremos, portanto, descrever os contextos de ocorrência das sentenças em tela e mostrar uma possível análise sintática para ambas as estruturas envolvidas. Para isso, dividimos este artigo em três seções: em 1, apresentamos os contextos em que as sentenças com “*é ruim que*” são utilizadas no PB; em 2, apresentamos uma análise sintática

para a derivação de ambas as estruturas envolvidas; e, em 3, trazemos à baila algumas questões sobre aspectos prosódicos que parecem estar relacionados à estrutura com leitura Especificacional, as SCN.

1. Para uma Descrição das Sentenças com “É Ruim Que” no Pb

As sentenças com “é ruim que” são aparentemente recorrentes em contextos de fala e de escrita informal de variedades do português brasileiro. Buscando explorar os contextos em que as encontramos, apresentamos a seguir algumas situações de fala informais e de escrita não monitoradas²: a situação em (4) retrata o diálogo entre marido e mulher³ no qual o marido tenta convencer a mulher a provar um doce típico do nordeste; a situação em (5) traz a conversa entre três amigas pelo *Facebook*, enquanto uma delas, professora, está no intervalo de sala de aula; em (6), apresentamos a letra da música “*É ruim que cê me pega*”, de Gizely Dell.

(4)

Ele: Amor, prova do doce? Você vai amar!

Ela: Nem morta! Essa coisa é muito ruim. Só tu mesmo que tem cara de paraíba (risos) pra gostar disso.

Ele: Tá me chamando de paraíba, é?! Pois agora tu vai comer de qualquer jeito.

Ela: ***É ruim, heim, amor, que tu me faz comer esse doce ridículo!***

Ele: *Pois tu vai comer, e é já!*

² Como o objetivo deste artigo é apresentar uma análise da sintaxe das sentenças com *é ruim que*, não fizemos uma análise quantitativa dessas sentenças em amostras de fala do PB. O uso particularizado das sentenças em que a expressão “é ruim” é uma partícula de negação sentencial parece está associada a variedades do PB, identificadas no norte e nordeste do Brasil.

³ Ambos são naturais do Rio de Janeiro. Ele, entretanto, é filho de pais nordestinos que, a cada ano, vêm passar uma temporada com os demais familiares, razão pela qual conhece e aprecia o gosto do doce em questão.

(5)

Re: Ah, meninas, faz tempo que a gente não se vê. Todos nós. Vamos marcar um encontro aqui mesmo? Eu tenho em comum vcs, Le, Dag, Paul e Wa. Vou abrir um bate papo separado para nós. Pode ser?

Ma: vê.

Re: Quando vamos nos encontrar? Hoje?

Ma: Hoje teve uma manifestação dos jovens aqui em Natal. Lutando pelos seus direitos...

Ju: Posso estar online depois das 22h30, apenas. Trabalho à noite e não tenho como estar aqui antes, entendem?

Re: Eu entro, mas é ruim de Ma entrar. Nessa hora ela já estará dormindo profundamente como a bela adormecida.

Ma: kkkk, o ruim é q tenho mta coisa para fazer hj. E amanhã?

Ju: kkkkkkk

Re: kkkkk. Eu não disse?! A Ma sempre fura. A propósito, não deu o toque, furona? Vc vai dar aula, não vai?

Ma: ***é ruim que eu vou dar aula agora. Só vou no último horário.***

(6)

É ruim que cê me pega

(Gizely Dell)

Sábado, na balada,

eu estava dançando num bar,

e passou um carinha bombado,

dando cantada e já me ouviu falar:

‘aff, se acha a última bolacha,

é ruim que cê me pega,

ah, é ruim que cê me pega.

Cai fora, cai fora

que eu não vou te dar bola.

É ruim que cê me pega.

Em (4), vemos que o marido não faz uma pergunta à mulher, mas deixa evidente a ideia de que ele a fará comer, a qualquer custo, o tal doce. Contra o intento do marido, ela diz que **“é ruim, heim, amor, que tu me faz comer esse doce ridículo!”**, negando o pressuposto reiterado na oração encaixada – de que o marido a fará experimentar o doce. Nesse caso, a sentença com “é ruim que” veicula uma negação nega à afirmação precedente de que o marido a fará comer o doce.

De igual modo, a mesma função parece ter a expressão “é ruim” na sentença em negrito na transcrição da conversa do Facebook em (5), em que sendo questionada sobre o seu retorno à sala de aula a informante *Ma* responde que **“é ruim que eu vou dar aula agora. Só vou no último horário”**, e na letra da música transcrita em (6) quando sentença é uma negação reiterando que o “carinha” não terá o amor da moça na balada.

Note-se que em todos os contextos apresentados em (4), (5) e (6) a expressão “é ruim” que encabeça a sentença nega a assertiva da sentença encaixada. Por outro lado, observamos em outros exemplos que a função da expressão “é ruim que” é diferente. Observemos o exemplo no excerto a seguir.

(7)

Ma: ...Re, tu é demais, né? – kkkk – Eu acordo muito cedo todos os dias, vc sabe. Se tu tiver filho 1 dia, vai deixar de dizer isso!

Re: Não culpa a bb, ela é um doce e não perturba o sono de ninguém. Vc é que é mesmo uma dorminhoca de classe.

Ma: *Hababababa! Re, é ruim que vc venha a Natal agora, viu? Sugiro que passe um tempinho sem olhar para mim, sua injusta!*

Re: Ah, tá me ameaçando, né?! Tô morrendo de medo! – kkk – Pois eu vou estar aí mais cedo do que o que você imagina kkkkk.

Em (7), a mesma informante da conversa do facebook transcrita em (5), em resposta ao seu interlocutor, na sentença “Re, é ruim que vc venha a Natal agora, viu?” a expressão “é ruim que” agrega um juízo de valor à assertiva ao fato de Re ir ou não a Natal naquele momento.

Diante do que foi apresentado, podemos contatar que além de aparentemente frequente no PB as construções copulares complexas encabeçadas por “é ruim (que)” apresentam duas interpretações possíveis associadas a (i) uma estrutura com leitura especificacional (cf. exemplos em (4), (5) e (6)) e outra estrutura, mais comum, com leitura predicacional (cf. exemplo em (7)). Como já dito, buscaremos evidências para a hipótese de que a sentença com leitura predicacional reflete uma estrutura em que a expressão “é ruim que” compartilha as propriedades de uma sentença copular comum (SCC) e a sentença com leitura Especificacional reflete uma estrutura em que a expressão “é ruim” é uma sentença copular de negação.

1.1 Duas Leituras Semânticas para as Scc e as Scn Com “É Ruim Que”

Diante da apresentação dos dados acima, ratificamos que a configuração estrutural, bem como a realização sintática dos constituintes de cada uma das sentenças com “*é ruim (que)*” no PB permitem a dicotomia entre ambas as estruturas: uma de leitura *PRED* e outra de leitura *ESP*.

Em (2), “É ruim que a Ana descubra o meu segredo”, a expressão “é ruim que” é uma SCC. Nessa sentença, o predicador “ruim” é a projeção máxima de um núcleo adjetival – AP, considerando que ele caracteriza a afirmação presente no IP encaixado, sem modificar a polaridade da sentença encaixada. Nesse caso, a sentença encaixada é um argumento selecionado pelo predicador “ruim”.

Como o IP de (2) só tem plenitude se encaixado a um CP, o predicador “ruim” predica sobre esse CP e não apenas sobre o IP quando a relação do foco “é ruim” se deu com o conteúdo proposicional do IP encaixado.

Por esse fato, dizemos que o predicador “ruim” tem ampla predicação, o que coloca a sentença SCC dentre aquelas que têm leitura abrangente ou de PRED.

Para corroborar o que afirmamos, observe-se que o IP “a Ana descubra o meu segredo” não tem autonomia sintática e não pode, por isso, ser realizado sem estar encaixada a um complementizador – que pode ser o “que” ou o “se”⁴. Essa dependência sintática de complementizador acontece porque, estando o verbo no modo subjuntivo, a oração que o contém apresenta conteúdo de caráter hipotético. Nesse caso, é necessário que o IP com verbo no subjuntivo esteja sempre encabeçado por um termo que o encaixe a outra estrutura.

Mais uma evidência de que a predicação do “ruim” se dá de forma abrangente sobre todo o CP, observe-se que a sentença em (2), “É ruim que a Ana descubra o meu segredo”, pode ser interpretada como “Não é bom que a Ana descubra o meu segredo”, em que “não é bom” insere ampla predicação sobre o CP “que a Ana descubra o meu segredo”.

Por outro lado, em (3), “É ruim que a Ana descubra o meu segredo”, na expressão cristalizada “*é ruim*” o advérbio “ruim” tem valor de negação e sobe para a periferia à esquerda da estrutura para, dessa posição, estabelecer uma relação “especial” ou estreita com o IP encaixado “que a Ana descubra o meu segredo”. Em outras palavras, quando a expressão cristalizada “é ruim” alcança a posição de foco, ela modifica a polaridade da informação presente no IP encaixado. Assim, se o IP pleno afirma “a Ana descubra o meu segredo”, ao ser encaixado ao CP, subordinado ao FocP, que traz como foco a expressão “é ruim”, a polaridade da predicação é modificada, passando a configurar exatamente o contrário do que foi afirmado, ou seja, “a Ana não descubra o meu segredo”.

Para ratificar o que expomos sobre as leituras ESP e PRED das sentenças, respectivamente, em (2) e em (3), observemos os pares pergunta/resposta em (8) e (9) a seguir,

⁴ Observe que com o completizador realizado por “se” a encaixada seria uma reduzida de infinitivo: “É ruim se a Ana descobrir o meu segredo”.

(8)

- a. **A Ana descobre o meu segredo?**
- b. “É ruim que a Ana descobre o meu segredo” ou “a Ana não descobre o meu segredo”.

(9)

- a. **O que é ruim?**
- b. “É ruim que a Ana descubra o meu segredo” ou “Não é bom que a Ana descubra o meu segredo”

Observe-se que a pergunta em (8a) não aceita como resposta as sentenças em (9b), “É ruim que a Ana descubra o meu segredo”, já que na expressão “é ruim”, nessa sentença, há um advérbio de negação “ruim”.

Assim, nas SCC, o “ruim” é um advérbio e predica o CP encaixado, atribuindo à informação lá veiculada uma avaliação pessoal e subjetiva do locutor sem, no entanto, alterar o conteúdo proposicional do que é afirmado na encaixada. Nas SCN, a expressão cristalizada “é ruim”, tem a função de negar o que é afirmado na oração encaixada, altera o conteúdo proposicional da encaixada, imprimindo uma relação de “circunstancialidade⁵” à afirmação. Sendo assim, o “ruim” é advérbio de negação que altera a polaridade da proposição da encaixada.

Nas SCC, o “ruim” predica sobre toda a encaixada, ele tem amplo escopo. Nas SCN, a expressão cristalizada “é ruim” tem como meta alterar a polaridade da afirmação na encaixada, e, para tal, mantém escopo estreito com uma variável semântica, presente na assertiva dessa sentença.

Reproduzimos a seguir as sentenças em tela:

- (10) a. **É ruim** que Ana descubra o meu segredo.
- b. **Não é bom** que Ana descubra o meu segredo.

⁵ Por “circunstância” aqui entendemos como “qualquer particularidade que determina um fato, ampliando uma informação nele contida” (In: www.infoescola.com/portugues/adverbio).

Observe-se que quando a expressão “É ruim” é alterada pela expressão “Não é bom”, cópula e complementizador se mantêm inalterados, motivo pelo qual advogamos que nessas sentenças SCC o “ruim” é, de fato, um predicador de amplo escopo. A semântica das SCN é diferente. Nessas, “é ruim”, expressão cristalizada, atribui à proposição uma discreta⁶ avaliação subjetiva do interlocutor. Entretanto, diferente das SCC, a expressão consegue modificar o conteúdo proposicional da afirmação. Analisemos as sentenças em (11) e em (12) a seguir:

- (11) a. **É ruim** que Ana _ descobre o meu segredo.
 b. Ana não descobre o meu segredo.
- (12) a. **É ruim** que Ana **não** descobre o meu segredo.
 b. Ana descobre o meu segredo.

Em (11) há uma contradição entre o que é afirmado na encaixada e o seu verdadeiro significado. Quando há a projeção de uma categoria FocP acima de IP a expressão cristalizada ocupará a posição de Spec/FocP. Em (11a), nesse sentido, a afirmação do IP matriz é “Ana descobre o meu segredo”. Quando a expressão cristalizada “é ruim” é alçada para Spec/FocP, acima de IP, a polaridade dessa afirmação é alterada e a proposição passa a significar exatamente o seu contrário: “Ana não descobre o meu segredo”, cf. (11b). Em (12a), o IP matriz traz uma afirmação de negação “Ana não descobre o meu segredo”, que, quando passa à oração encaixada, sob o escopo da expressão cristalizada em Spec/FocP, passa a equivaler exatamente a “Ana descobre o meu segredo”, cf. (12b). A

⁶ Apesar de “É ruim que Ana descobre o meu segredo” parecer ser, essencialmente, equivalente a *Ana não descobre o meu segredo*, essas estruturas não têm a mesma leitura semântica, uma vez que, uma vez que, na sentença encabeçada com *é ruim que* percebemos algum julgamento do interlocutor – ainda que discreto – que não percebemos quando a configuração é de uma sentença neutra com o *NegP não*. Ou seja, quando o locutor diz *é ruim*, parece que ele quer enfatizar a incapacidade do ser de quem fala, como se ela fosse absolutamente incapaz de realizar a ação que ele nega com o *é ruim*. Essa subjetividade do locutor não identificamos na sentença de negação em que o *não* aparece antecedendo o verbo principal.

negação da negação, em (12a), confirma que a expressão cristalizada “*é ruim*” nega, corrige ou retifica o conteúdo proposicional do que é afirmado na encaixada. Desse modo, é uma expressão que tem papel discursivo de foco contrastivo.

As sentenças em (12) ratificam que há relação estreita, do tipo valor/variável, entre “*é ruim*” e a variável dentro do IP; nos exemplos essa relação é visível porque temos o marcador de negação frásica – não – presente na estrutura, com quem a expressão “*é ruim*” estabelece relação de contradição. Em (11a), entretanto, a relação valor/variável não é visível na sintaxe, mas pode ser inferida pela semântica da estrutura.

Para ratificarmos que há uma relação semântica do tipo valor/variável nas SCN, vejamos o que acontece com as sentenças a seguir quando, em (13a), substituímos o “*ruim*”, da expressão cristalizada “*é ruim*”, por um antônimo – “*bom*” –, e nas sentenças em (13b) e (13c), por um sinônimo – “*nunca*” e “*jamaiz*”, respectivamente:

- (13) a. *É bom que Ana _ descubra o meu segredo.
b. É nunca que Ana _ descubra o meu segredo.
c. É jamaiz que Ana _ descubra o meu segredo.

Apesar de “*é bom*”, expressão cristalizada⁷, em (13a), aparecer na mesma posição de “*é ruim*”, a sentença não é boa, porque o verbo principal, estando no indicativo, dá à encaixada plenitude de constituintes e de significado. Na sentença a leitura de foco não pode ser disparada, porque, na encaixada, não há variável, nem sintática nem semântica, que possa ser preenchida pelo valor “*é bom*”. Nesse caso, a expressão “*é bom*” – em oposição a “*é ruim*” – não tem marcas de foco, razão pela qual foi movida. Assim, a sentença é agramatical.

As sentenças em (13b) e (13c), por seu turno, não são estranhas ou agramaticais, pois em “*é nunca*” e “*é jamaiz*” identificamos a mesma

⁷ Pela estrutura fazer referência às SCN, consideraremos os pares *é bom*, *é nunca* e *é jamaiz* como expressões também fixas.

ideia de contraste do “*é ruim*”. Como são *SCN*, essas expressões também foram movidas para *Spec/FocP*, onde adquiriram função discursiva de foco e passaram a estabelecer um vínculo estreito com uma variável na encaixada.

Considerando o aspecto morfológico da palavra, como as *SCN* necessitam de uma expressão com um advérbio de negação, e “*nunca*” e “*jamais*” são essencialmente advérbios de negação, as expressões “*é nunca*” e “*é jamais*” assumem bem a função de “*é ruim*”, o que não acontece com “*é bom*”, tendo em vista que “*bom*”, adjetivo por natureza, não adquire as marcas de advérbio, pois não consegue entrar em relação direta com nenhuma variável.

Considerem-se agora as sentenças em (14) a seguir.

- (14) a. É bom que Ana descubra o meu segredo.
 b. *É nunca que Ana descubra o meu segredo.
 c. *É jamais que Ana descubra o meu segredo.

A sentença em (14a) é bem formada, pois, quando o constituinte “*bom*” consegue inserir ampla predicação sobre a encaixada, sobre a qual predica. Já as sentenças em (14b) e (14c) não são bem formadas, pois “*nunca*” e “*jamais*” não conseguem atribuir predicação ampla, tendo em vista serem constituintes que modificam circunstancialmente a estrutura à qual se adjungem. São *SCC* com leitura *PRED*.

Pelo que expomos até aqui, concluímos que nas estruturas com leitura *PRED*, o predicado da Small Clause insere à encaixada um julgamento/uma avaliação do tipo “*é bom*”/“*não é bom*” ou “*é engraçado*”/“*não é engraçado*” sem, no entanto, modificar a polaridade dessa afirmação. Nas estruturas com leitura *ESP*, o advérbio realizado entre o “*ser*” e o “*que*” é movido para *Spec/FocP* e modifica circunstancialmente a polaridade da afirmação da encaixada.

1.2 Congruência e Divergência nas Flexões de Tempo e de Modo do Verbo Principal nas Sentenças Copulares Complexas com “É Ruim Que”

De acordo com os trabalhos em teoria gerativa sobre as sentenças copulares (cf. ALEXIADOU e GIANNAKIDOU, 1998; BOSKOVIC, 1997; BOWERS, 1993; DIKKEN, 2005; HEGGIE, 1988; HEYCOCK e KROCK, 1998, 1999; KATO, 1996, 2007; MIKKELSEN, 2005), a relação dos verbos dessas sentenças se dá conforme o tipo de leitura semântica: se PRED, há certa liberdade de concordância entre o cópula e o verbo principal; se ESP, essa liberdade não acontece, já que ambos os verbos devem partilhar dos mesmos traços de tempo e de modo.

As sentenças copulares com “*é ruim que*” também têm especificidades quanto à relação entre os traços de tempo e de modo dos verbos envolvidos em ambas as derivações. Essa especificidade também acontece conforme a leitura semântica de cada uma: quando a estrutura tem leitura PRED – ou seja é uma SCC – há liberdade na marcação dos traços de tempo e modo; quando a estrutura tem leitura ESP – ou seja é uma SCN – há uma relação estreita, quase fixa, estabelecida entre a cópula, que faz parte da expressão cristalizada “*é ruim*”, e o verbo da sentença matriz. Para explorarmos essa relação verbal, observemos as sentenças em (15) a seguir:

- (15) a. **É ruim** que Ana vem.
b. **É ruim** que Ana venha.

Percebemos que, em ambas as sentenças, os verbos envolvidos em cada uma estão flexionados no tempo presente. Quanto ao modo, no entanto, enquanto em (15a), tanto a cópula quanto o verbo principal estão no indicativo; em (15b), o verbo principal aparece no subjuntivo e a cópula no indicativo.

A cópula, particularmente, tem suas peculiaridades. Se a sentença com “é ruim que” é uma SCC, a cópula pode aparecer em qualquer tempo, mas sempre no indicativo; se é uma SCN, a cópula é invariável, aparecendo sempre na terceira pessoa do singular do presente do indicativo.

- (16) a. Será ruim que Ana venha.
b. *Será ruim que Ana vem.

Em (16a), é possível a flexão da cópula, que concorda com o tempo do verbo principal. Entretanto, (16b) é agramatical, pois a cópula e o verbo da sentença matriz não estão flexionados no mesmo tempo. Tal fato nos leva a defender a hipótese de que a expressão com a cópula é cristalizada e inserida na derivação como tal. Ainda que nas sentenças com leitura ESP o verbo principal mude de tempo, como mostramos em (16a), a cópula não pode com ele concordar, cf. (17):

- (17) *Será ruim que Ana virá.

Em (17), cópula e verbo principal estão na terceira pessoa do singular do futuro do indicativo. Ainda que esteja no mesmo tempo e modo do verbo principal, a sentença não é bem formada porque sendo a cópula parte integrante de uma expressão cristalizada ela tem realização fixa, não podendo ser alterada.

Diante do que expusemos, é que afirmamos que a liberdade verbal de tempo e modo das sentenças com “é ruim que” também é condicionada, dependendo do tipo de sentença: a) se SCC, de leitura PRED, é possível a flexão de tempo da cópula, que acompanha o tempo do verbo principal; b) se SCN, de leitura ESP, a cópula é inflexionável, devendo aparecer sempre na terceira pessoa do presente do indicativo, ainda que o verbo principal esteja em outro tempo e modo.

A fim de reafirmarmos a possibilidade de flexão da cópula nas SCC e impossibilidade nas SCN, vejamos abaixo, em (18), que a relação de predicação do “ruim” sobre a encaixada mantém-se inalterada se a cópula acompanha e muda de tempo.

- (18) a. Que Ana descubra o meu segredo **será ruim**.
b. *Que Ana descobrirá o meu segredo **será ruim**.
Ou
c. Que Ana tenha descoberto o meu segredo **foi ruim**.
d. *Que Ana descobriu o meu segredo **foi ruim**.

Além da liberdade na flexão de tempo entre a cópula e o verbo principal das SCC com “é ruim que”, há liberdade também de modo, uma vez que nessas estruturas o verbo principal aparece no modo subjuntivo, configurando o IP não pleno semanticamente que só adquire plenitude quando passa a argumento do predicador “ruim”, e a cópula no modo indicativo.

Em oposição às SCC com “é ruim que”, as SCN mantêm congruência de modo verbal, devendo aparecer no indicativo, ainda que possam divergir quanto ao tempo, tendo em vista somente a cópula ter obrigatoriedade de aparecer na terceira pessoa do presente.

A necessidade do modo indicativo do verbo principal das SCN com “é ruim que” se dá porque, como o CP encaixado não desempenha nenhuma função sintática em relação à oração copular, presente na periferia à esquerda da sentença – tal qual desempenha nas SCC encabeçada pela mesma estrutura, na qual o CP é argumento do predicador “ruim” –, ele deve ter um IP que, além de sintática e semanticamente pleno, tenha uma estrutura equivalente àquilo que poderia ser dito numa sentença simples, de estrutura neutra, como afirmaram Pinto e Ribeiro (2008), baseados em Lambrecht (2001), em análise das sentenças clivadas. Somente sendo o IP do CP encaixado uma oração de estrutura plena, é que a expressão fixa “é ruim” pode atingir seu objetivo, que é o de alterar, negando ou corrigindo, o conteúdo proposicional da afirmação presente

na encaixada, cuja assertiva tem autonomia em relação aos constituintes da periferia à esquerda.

Assim, nas SCNs com “é ruim que”, de leitura ESP, há duas exigências obrigatórias: 1) a de que o verbo principal esteja impreterivelmente no indicativo, ainda que seu tempo seja flexionável; 2) a de que a cópula invariavelmente deve se realizar na terceira pessoa do singular do presente do indicativo, mesmo que seja diferente do tempo do verbo principal.

Diante dessa análise, concluímos que a relação entre a cópula e o verbo principal se dá de forma distinta nas duas estruturas com “é ruim que”. Se SCC, os verbos não precisam estar em consonância nem em tempo nem em modo; Se SCN, há exigência de semelhança entre os verbos somente no modo, tendo em vista que ambos devem estar no indicativo. Considerando-se o tempo, essa harmonia não é obrigatória, mas a cópula, como parte integrante de uma expressão cristalizada, é inflexionável, enquanto o verbo principal pode variar.

1.3 Liberdade de Posicionamento do Constituinte “*Ruim*”

Observamos ainda que nas SCC o predicador “ruim” apresenta liberdade de posicionamento em relação à cópula. Ou seja, tal expressão pode ser realizada em posição pré- ou pós-cópula, como mostram as sentenças em (19) e (20) a seguir:

- (19) a. Que Ana descubra o meu segredo **é ruim**.
 b. ?Que Ana descubra o meu segredo **ruim é**.
- (20) a. **É ruim** que Ana descubra o meu segredo.
 b. ?**Ruim é** que Ana descubra o meu segredo.

Considerando que o “ruim” nas sentenças em (19) e (20) dispara leitura semântica de que “não é bom”, logo, são sentenças de leitura PRED, podemos observar que, quando o “ruim” é predicador de uma Small Clause, o predicador pode aparecer tanto antes quanto depois da cópula, cf. (19a) e (20a).

Para corroborar o que afirmamos acima, exporemos, em (21) e (22) a seguir, dois pares de sentenças: uma com a cópula “ruim” e outra com o valor semântico que esse constituinte insere sobre a sentença, ou seja, “ser ruim” equivale a “não ser bom”. Usaremos as mesmas estruturas com os tempos verbais da cópula e do verbo principal alterados, a fim de que possamos verificar se, com a alteração do tempo verbal, a estrutura se mantém aceitável.

- (21) a. **É ruim** Que Ana descubra o meu segredo .
b. **Não é bom** Que Ana descubra o meu segredo.
- (22) a. **?Ruim é** Que Ana descubra o meu segredo.
b. **Bom não é** Que Ana descubra o meu segredo.

A sentença com “*é ruim que*” em (21a) é bem formada, tanto quanto é bem formada a sentença que teve a expressão “*é ruim*” substituída pelo valor semântico da expressão: “*não é bom*”, cf. (21b). A sentença em (22a), com o predicador “*ruim*” antecedendo a cópula, entretanto, não parece ser bem formada; e esse estranhamento se desfaz quando a sentença aparece encabeçada pela expressão “*bom não é*”, cf. (22b). A mesma estranheza aparece nas sentenças em (23a) e (24a), a seguir, nas quais o predicador aparece antecedendo a cópula flexionada:

- (23) a. **?Ruim será** que Ana descubra o meu segredo.
b. **Bom não será** que Ana descubra o meu segredo.
- (24) a. **?Ruim foi** que Ana tenha descoberto o meu segredo.
b. **Bom não foi** que Ana tenha descoberto o meu segredo.

Apesar de não parecerem bem formadas, as sentenças que trazem o predicador antecedendo a cópula são possíveis, quando consideramos que o “*ruim*”, nessas estruturas, é um predicador e tem liberdade de se posicionar antes ou depois da cópula, o que pode ser confirmado

quando ele foi substituído pela expressão semanticamente equivalente.

Diante da análise que apresentamos, defendemos que nas SCC com “é ruim que”, com leitura PRED, cópula e predicador podem alternar de posição, bem como aparecerem na parte mais alta ou mais baixa da estrutura, o que não acontece, como mostraremos, nas SCN com “é ruim”, na qual essa expressão é cristalizada. A expressão cristalizada “é ruim” deve aparecer com os seus termos linearmente postos, sem possibilidade de alternarem entre si, ainda que possam ocupar outras posições na sentença, cf. exemplos em (25):

- (25) a. **É ruim**, heim, que Ana descobre o meu segredo.
 b. Que Ana descobre o meu segredo **é ruim**, heim.
 c. ***Ruim**, heim, **é** que Ana descobre o meu segredo.

Considerando o reposicionamento de “*ruim*”, podemos observar que, como parte de uma expressão cristalizada, tal constituinte não tem liberdade de posicionamento. Ou seja, ele só se realiza na posição pós-cópula, o que pode ser evidenciado pela sentença em (25c) que não é bem formada.

2. Uma Proposta de Análise Sintática para as Sentenças Com “*É Ruim Que*” no Pb

Temos defendido neste artigo que as sentenças com “é ruim que”, conforme exemplificadas na introdução deste artigo e retomadas em (26) e (27) a seguir, apresentam construções superficialmente semelhantes, porém não são estruturalmente iguais, tanto pela posição que o constituinte “ruim” ocupa na estrutura, quanto pela interpretação semântica das sentenças. Uma análise sintática satisfatória para esse tipo de interpretação deve levar em consideração as diferenças entre as SCC e SCN com “é ruim que” apresentadas nas seções anteriores.

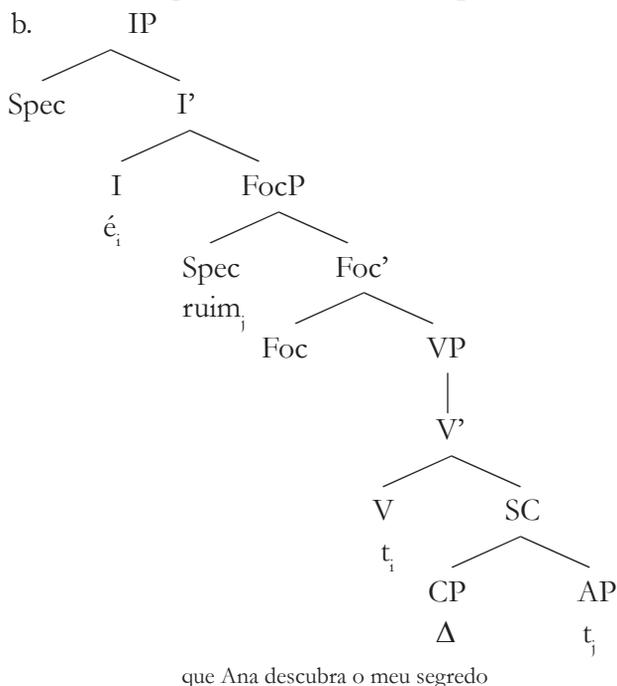
- (26) **É ruim que** a Ana descubra o meu segredo.

(27) **É ruim** que a Ana descobre o meu segredo.

Observamos inicialmente que o “ruim”, que aparece ensanduichado entre a cópula ser e o que, ora tem função de adjetivo, ora funciona como um advérbio com valor de negação, uma vez que tal expressão nega o que é afirmado na sentença.

Com relação à sentença SCC, com leitura ESP, o “ruim” é um sintagma adjetival (Adjetival Phrase, AP) com marca morfológica de adjetivo, uma vez que apresenta uma predicação de caráter apreciativo sobre a encaixada, caracterizando o conteúdo proposicional desta. O CP “que a Ana descubra meu segredo” das SCC aparece na posição de sujeito da Small Clause. Logo, ocupa uma posição argumental, como observamos em (28b).

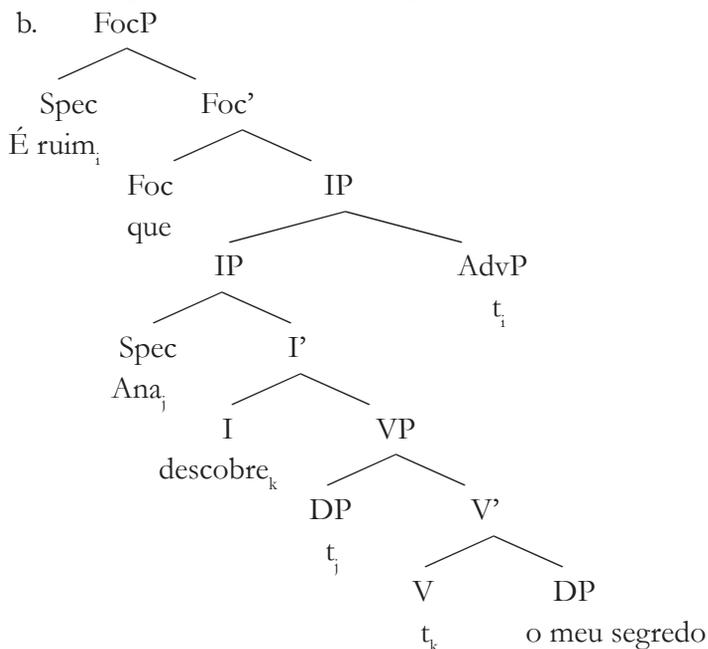
(28) a. *É ruim que Ana descubra o meu segredo.*



Nesse tipo de sentença, o sintagma “ruim” figura como um mero foco de informação, por isso ocupa uma posição de foco na periferia de VP, seguindo a proposta de Belletti (2004). Por ter uma leitura predicacional, poderíamos ter o adjetivo “bom” no lugar do adjetivo “ruim”, sem deteriorar a análise semântica desse tipo de sentença.

Já no caso da sentença SCN, propomos que o “ruim” mais a cópula “é” formam uma expressão cristalizada “é ruim” que veicula uma marcação de ênfase e é originada como adjunto do IP. Essa expressão cristalizada tem a mesma função de um advérbio de negação, uma vez que nega o conteúdo proposicional do IP; ao mesmo tempo, é a informação não pressuposta da sentença, pois o que está em jogo na cena é o fato de a Ana descobrir um segredo. Por ser a informação não compartilhada pelos interlocutores e por ter o papel de corrigir uma afirmação prévia/ alterar a polaridade da sentença, propomos que a expressão cristalizada ocupa uma posição de foco na periferia esquerda da sentença, seguindo a análise de Rizzi (1997). O complementizador “que” é originado no núcleo Foc, uma vez que, em alguns casos, comporta-se como um morfema foco em PB (cf. GUESSER, 2014; QUAREZEMIN, 2014). A derivação dessa estrutura pode ser observada em (29b).

(29) a. *É ruim que Ana descubra o meu segredo.*



De acordo com a nossa análise, quando apenas o adjetivo “ruim” é foco, como em (28b), a sentença pode responder uma interrogativa-Wh, já quando o foco é a expressão cristalizada “é ruim”, como em (29b), a sentença corrige uma afirmação prévia. Nesse caso, estamos diante de dois tipos de foco: foco de informação e foco contrastivo. Seguindo a abordagem cartográfica, assumida neste estudo, para cada tipo de foco temos posições sintáticas distintas em jogo. Em (28b), o foco aparece na periferia de VP, uma posição baixa na estrutura, enquanto em (29b), o foco figura na periferia esquerda da sentença, em uma posição mais alta.

Como já observado na seção anterior, o tipo de verbo principal da oração encaixada também é relevante quando dividimos as sentenças com “é ruim que” em SCC – com leitura PRED (Small Clause) – e SCN – com leitura ESP (advérbio de negação).

O verbo principal no modo indicativo é um núcleo que pode configurar uma sentença principal ou independente e tem os seus argumentos dentro do próprio domínio IP. Diferentemente do que acontece quando o verbo aparece no subjuntivo, modo em que, não tendo plenitude semântica, pois não é capaz de configurar uma sentença principal ou independente, aparece sempre em IPs encaixados a CPs, ainda que, sintaticamente, esse IP encaixado tenha suas funções resolvidas.

Analisando a estrutura das SCN com “é ruim que”, percebemos que elas sempre trazem o verbo principal no modo indicativo, razão pela qual a expressão cristalizada “é ruim” aparece como adjunto de IP antes de se mover para a periferia à esquerda da sentença. De outro modo, a estrutura das SCC com “é ruim que” é configurada sobre um núcleo verbal no modo subjuntivo, impreterivelmente. Dessa forma, ainda que as posições argumentais do IP encaixado nas SCC estejam preenchidas, o IP tem um núcleo que é incapaz de configurar uma estrutura oracional independente. Desse modo, esse IP será sempre uma sentença completiva, logo, argumento do predicador, que se encontra fora do domínio IP.

De acordo com a análise que apresentamos acima, de fato, temos duas sentenças copulares complexas distintas veiculando a estrutura “é ruim que” no PB, como apresentamos nas sentenças em (15), retomadas em (30) a seguir:

- (30) a. **É ruim** que a Ana vem.
 b. **É ruim que** a Ana venha.

Em (30a), a encaixada “que Ana vem” traz um IP independente, pois ele pode ser realizado sem estar encaixado ao CP, como pode ser mostrado em (31):

(31) A Ana vem.

Por essa razão, dizemos que, em (30a), a expressão cristalizada “é ruim”, que nasce como adjunto de um IP pleno e sobe para a periferia à esquerda, modifica essencialmente o conteúdo proposicional da encaixada, vindo a negá-lo, pois ele insere uma informação adicional àquela já presente no IP, e não a complementa.

Já aquela sentença em (30b), traz a encaixada “que Ana venha”, cujo IP, por ter como núcleo um verbo no modo subjuntivo, é sempre dependente, solicitando, portanto, um argumento externo para ser bem interpretado. A incapacidade de o verbo subjuntivo configurar uma sentença independente, mostramos na agramaticalidade de (32):

(32:) *A Ana venha.

Por ser argumento do predicador “ruim”, toda a encaixada “que a Ana venha”, de (30b), é dependente desse predicador, não podendo existir separadamente, como apresentamos em (32), já que seu IP é uma sentença de não plenitude semântica. Como predicador, o “ruim” insere ampla predicação sobre a afirmação da encaixada, razão pela qual tem leitura PRED.

3. Algumas Notas Sobre a Prosódia das Sentenças com “É Ruim Que” no PB

Como sobejamente conhecido, as sentenças veiculam informação não compartilhada pelos interlocutores – foco – e informação compartilhada – pressuposição. Com relação à prosódia das sentenças, independente do tipo de estrutura, se simples ou complexa, é no foco que cai o acento proeminente. Sobre essa questão, Miotto (2003, p. 182) afirma que “no que diz respeito à fonologia, sabemos que o acento mais

proeminente da sentença recai sobre o constituinte focalizado e que, quando o foco é contrastivo, este acento é vigorosamente marcado”.

Tendo em vista as sentenças copulares complexas com “é ruim que” no PB, na sentença SCN, a expressão “é ruim” é marcada por uma elevação acentual, enquanto os outros constituintes não são acentuados nos mesmos moldes. Nas sentenças SCC, o adjetivo “ruim”, predicador da Small Clause, parece apresentar um acento mais brando do que o da expressão cristalizada “é ruim”⁸. Retomemos as sentenças em (33), SCC e SCN, respectivamente.

- (33) a. **É ruim que** Ana descubra o meu segredo.
 b. **É ruim que** Ana descobre o meu segredo.

Na pronúncia da sentença (33a), o predicador “*ruim*” parece não ter a mesma proeminência sonora do “ruim” da expressão cristalizada. Essa ênfase mais discreta também aparece quando o predicador “*ruim*” está na parte mais à direita da sentença, como em (342).

- (34) Que Ana descubra o meu segredo **é ruim**.

Pelo fato de a expressão cristalizada apresentar maior proeminência sonora, notadamente mais destacada quando acompanhada do marcador discursivo “*heim*”, identificamos-a como um foco contrastivo, indo ao encontro de Míoto (2003) que propõe que o acento do foco contrastivo é mais forte que o acento de um simples foco de informação.

Mesmo quando a expressão cristalizada aparece na parte baixa da sentença seguida pelo “*heim*”, o acento cai sobre “ruim”, cf. exemplos em (35):

⁸ Não realizamos nenhum levantamento de dados para evidenciar a acústica de tais sentenças. O que aqui afirmamos está embasado na nossa experiência enquanto falante/ouvinte do PB e nos momentos em que nos deparamos com a realização de sentenças iniciadas com essa expressão.

- (35) a. Que Ana descubra o meu segredo **é ruim**, heim!
Que Ana não descubra o meu segredo **é ruim**, heim!

A utilização do marcador discursivo “heim” reforça o acento do foco. Apesar de esse marcador acompanhar muitas vezes as estruturas SCN com “é ruim que”, essa não é uma regra, como mostramos nas sentenças analisadas neste trabalho.

Conclusão

Defendemos neste artigo que as sentenças copulares complexas com “é ruim que” no PB, aparentemente mais recorrentes em certas regiões do Brasil, como o norte e o nordeste, se dividem em dois tipos: 1) Sentenças Copulares Comuns (ou SCC), que têm leitura Predicacional (ou PRED), tendo em vista o amplo escopo que o predicador da *Small clause* insere sobre o CP; 2) Sentenças Copulares de Negação (ou SCN), que têm leitura Especificacional (ou ESP) porque o constituinte foco, a expressão cristalizada “é ruim”, se relaciona com uma variável dentro de IP.

Analisando as duas sentenças copulares com “é ruim que”, mostramos que nas SCC o “ruim” é originado na posição de predicador da *Small Clause*, sofrendo movimento para posição foco na periferia de VP. Os verbos têm liberdade de flexão, já que cópula e verbo principal aparecem invariavelmente em modos diferentes, realizando-se a cópula sempre no indicativo e o verbo principal no subjuntivo. Quanto à liberdade de tempo, afirmamos que a cópula pode ser flexionada para acompanhar o tempo verbal do verbo principal.

Por outro lado, as SCN com “é ruim que” não têm uma *Small Clause*, mas uma periferia à esquerda acionada para receber a expressão cristalizada formada por “é ruim”, que nasce como um adjunto de IP pleno e ocupa o especificador da posição FocP. Ao alcançar a posição de foco, a expressão cristalizada nega ou corrige a afirmação presente na encaixada, assumindo, pois, seu papel discursivo de foco contrastivo.

Referências

ALEXIADOU, A.; GIANNAKIDOU, A. **Specificational Pseudoclefts and the Semantics of Lists**. In ZAS Papers in Linguistics. Zentrum für Allgemeine Sprachwissenschaft, Berlin. p. 1-21, 1998.

BELLETTI, A. **Aspects of the low IP area**. In L. Rizzi (ed.), The structure of IP and CP. The Cartography of Syntactic Structures. v. 2. New York: Oxford University Press, 2004.

BOSKOVIC, Z. **Pseudoclefts**. In: Studia Linguistica. v. 51, n. 3, 253-277, 1997.

BOWERS, J. **The Syntax of Predication**. Linguistic Inquiry, vol. 24, 591-656, 1993.

DIKKEN, M. **Specificational copular sentences and pseudoclefts**. In: M. Everaert & H. van Riemsdijk (eds), The Blackwell Companion to Syntax. Oxford: Blackwell. Vol. IV, Chapter 61, 2005.

HEGGIE, L. **The syntax of copular structures**. PhD dissertation. University of Southern California, 1988.

GUESSER, S. L. **Omissão da cópula em sentenças ‘foco+que’ do PB**. Trabalho apresentado no Encontro de Linguística Formal: debates sobre ensino e gramática. CCE/UFSC/Florianópolis, 2014.

HEYCOCK, C.; KROCK, A. **Inversion and Equation in Copular Sentences**. In: Alexiadou, A. et al (eds). Papers in Linguistics 10. Berlin: Zentrum für Allgemeine Sprachwissenschaft, Sprachtypologie und Universalienforschung (ZAS), p. 71-87, 1998.

_____. **Pseudocleft Connectedness: Implications for the LF Interface Level**. In: Linguistic Inquiry. v. 30, n° 3, p. 365-397, 1999.

KATO, M. A. **VS constructions, cleft sentences and narrow focus in Brazilian Portuguese**. Ms. UNICAMP, 1996.

_____.; RIBEIRO, Ilza. **A evolução das estruturas clivadas no português**: período V2. In: LOBO, T.; RIBEIRO, I.; CARNEIRO, Z.; ALMEIDA, N. (Org.). Para a História do Português Brasileiro. Salvador: EDUFBA, 2006.

_____. **Free and dependent small clauses in Brazilian Portuguese**. In: DELTA. n.23 (especial), p. 85-111, 2007.

_____. **Clivadas sem operador no Português Brasileiro**. Estudos da Linguagem, v. 8, nº 10, p. 61-77, 2010.

MARCELINO, N. J. M. de C. **As sentenças com É RUIM QUE no Português Brasileiro**. 2014. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

MIKKELSEN, L. **Copular Clauses Specification, predication and equation**. Amsterdam: John Benjamins, 2005.

MIOTO, C. **Sobre o sistema CP no Português Brasileiro**. Revista Letras, Curitiba, nº. 56, p. 97-139, 2001.

_____. **Focalização e Quantificação**. Revista Letras, Curitiba, nº 61, especial, p. 169-189, 2003.

_____.; NEGRAO, Esmeralda Vailati. **As sentenças clivadas não contêm uma relativa**. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de; M.A.T. Moraes; R.E.V Lopes; S.M.L. Cyrino. (Org.). Descrição, história e aquisição do português brasileiro. 1ª ed. Campinas/SP – FAPES: Pontes editora, 2007. (p. 159-184).

PINTO, C. F.; RIBEIRO, Ilza (2008). **Um estudo sintático-discursivo comparativo da clivagem em línguas românicas**. In.: MOURA, Denilda (org.) Os desafios da língua: estudos em língua falada e escrita. Maceió: EDUFAL, P. 401-404.

QUAREZEMIN, S. **Os constituintes focalizados na aquisição do PB.** Revista de Estudos Linguísticos XXXIV do GEL, v. 1, p. 1099-1104, 2005.

_____. **A focalização do sujeito no Português Brasileiro** (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra). 2006.

_____. **Estratégias de Focalização no Português Brasileiro:** uma abordagem cartográfica. Tese de Doutorado. UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis/SC, 2009. (Orientador: Prof. Dr. Carlos Miotto). Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/92341/267303.pdf?sequence=1>

_____. **Clivadas como Estratégia de Focalização em Português Brasileiro.** In: MIOTO, Carlos; GUESSER, Simone Lúcia; QUAREZEMIN, Sandra. Focalização e Clivagem. Simpósio Internacional Linguagens e Culturas. Mesa 06. Outubro/2011.

_____. **Paralelismo das periferias CP/VP/DP na focalização do sujeito.** Revista GELNE, 2012. Disponível em: <http://www.gelne.org.br/Site/arquivostrab/519-artigoSandraQ..pdf>.

_____. **Foco e Tópico nas Línguas Naturais.** In.: CRUZ, Ronald Teixeira da. (org.). A interface da gramática. Editora CRV, 2012.

_____. **Assimetria sujeito-objeto focalizados nas sentenças clivadas e pseudoclivadas.** Revista de Estudos Linguísticos Veredas - Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal Juiz de Fora, v. 19, n. 1, ago. 2014.

RIZZI, L. **The fine structure of the left periphery.** In: HAEGEMAN, L. (ed.). Elements of Grammar. Dordrecht: Kluwer, p. 281-337, 1997.

Recebido em: 21/01/2015 e aceito em: 07/12/2015.